

Ediney Santana

A Serenidade das Orquídeas

Laetitia Editore
]]

Catálogo na fonte

Santana, Ediney

A serenidade das orquídeas/ Ediney Santana, Brasília-DF:
1ª Ed: 2014, 2ª Ed: 2018 –Laetitia Editore

1. Brasil, contos, ficção 2. Literatura Brasileira

1. Literatura Brasileira

Imagem da capa: Hieronymus Bosch
Caricatura de Ediney Santana: Idelmar de Oliveira
Diagramação: Marcelo Renato
Revisão: Paula Berbert

Para: Renata Maria, Zelina,
Erick e Elton Santana

“Dar sentido ao vulgar, dar mistério ao comum,
dar a dignidade do desconhecido ao óbvio é um
traço do infinito ao temporal”
Friedrich Von Hardenberg, Novalis

A serenidade

Os contos que compõem “A Serenidade das Orquídeas” não são inéditos, foram publicados originalmente no meu blog, “A vida reinventada e outras histórias”, entre 2006 e 2010. Escolhi os contos de que mais gosto para esta coletânea: são pequenas histórias que mostram o insólito das nossas relações cotidianas.

Há certo lirismo amargo em cada conto, sentimentos de um mundo que acontece por dentro e nos assusta por fora. A tradição literária usada por mim é a do realismo fantástico, gosto da ideia de escrever pela ordem do caos, da possibilidade de ampliar pequenos delírios até o absurdo que choca, mas sem negar a realidade nem a ficção de existir.

Esta publicação também resulta do meu esforço pessoal para editar meus livros e levá-los ao maior número possível de leitores, deixando-os em bibliotecas públicas e particulares para que no futuro aconteça, quem sabe, a alegria de encontrar leitores. Afinal, é esta a finalidade de cada livro: encontrar leitores que lhe façam existir como livro, como arte.

Ediney Santana

Brasília, 28 de novembro de 2014

A Serenidade das Orquídeas

Os poetas

Meu pai acreditava em Deus, mas não era religioso, creio que só entrou em igrejas quatro vezes: quando casou, quando me batizou e quando batizou meus dois irmãos. De Deus só ouvi uma vez falar, quando assistíamos a TV alguém cantava uma canção que se referia a Deus como o “cara lá de cima”, meu pai não gostou, fez um comentário reprovando a “falta de respeito com Deus”.

Não sei por qual motivo me meti com política, foi o maior atraso de minha vida. Lá em casa política não fazia parte da nossa tradição. Lembro-me de apenas duas vezes meu pai falar de política, uma quando viu o General Figueiredo na TV e disse: “esse homem tá acabando com tudo, o custo de vida tá muito alto”. Não entendi o que era “custo de vida”. Outra vez foi quando vimos na TV uma matéria falando dos médicos e seus salários inferiores aos dos garis, comentei que os garis ganhavam pouco, meu pai respondeu: “Você tá parecendo aquele povo comunista, reclama de tudo”. Lá pelos meus nove ou dez anos de idade não sabia o que diabos ou santidade era o tal povo comunista.

Um dia Ulisses Guimarães foi a Santo Amaro, estava com meu pai na nossa banquinha de doces na Pracinha 14 de junho quando o carro com Dr. Ulisses passou, meu pai comentou: “os cabelos dele estão todos branquinhos”. Poucos cabelos é bem verdade, à noite, não sei como, fui ao comício de

Dr. Ulisses na Praça da Purificação. Anos depois relembrando aquela noite entendi que políticos eram de alguma maneira atores, criavam sobre medida personagens que cabiam direitinho na estupidez esperançosa do povo.

A melhor lembrança de meu pai foi o dia que sentamos nas escadarias da estação ferroviária, conversamos muito, talvez, aquela conversa tenha sido a única entre pai e filho com começo, meio e fim. O filho entrando na adolescência, se tornando adulto. Naquela tarde contei meus planos para meu pai, disse que queria ir para o exército, mostrou-se contente com meu sonho militarista, não viveu muito para saber que nem o Tiro de Guerra servi.

Um dia estava com meu pai na pracinha 14 de junho, perto da banca de revistas Revicoque, o dia estava nublado, um fotógrafo de rua apareceu, meu pai me pediu para tirarmos uma foto, disse que deixasse para outro dia porque o tempo estava feio, não tiramos a foto, alguns dias depois meu pai morreu. Não tenho nenhuma foto com ele, aquela seria a única, se pudesse voltar naquela manhã o abraçaria e tiraria aquela foto.

Tinha uma boa e fraterna relação com meu pai, trabalhávamos juntos na Pracinha todas as manhãs e, na mesma Pracinha 14 de junho, tirei fotos com pessoas que pouco contribuíram para minha história, só não tirei com quem vive aqui comigo, no meu sangue, nas batidas do meu coração, com sua ternura, solidariedade, na grandeza e dignidade com que viveu seus poucos anos, anos de amor e dedicação a minha mãe, eu e meus irmãos.

Hoje completo 41 anos de vida. Meu pai tinha 41 anos de idade quando morreu, agora que chego à mesma idade dele, fica mais claro para mim o quanto foi breve sua vida, em verdade meu pai só foi feliz nos últimos treze anos de vida, justamente quando entrou para Rede Ferroviária Federal, antes disso foram amargas vivências e agudos dissabores. Meu pai nunca quis sair de Mundo Novo, ao ser empregado na ferrovia foi mandado para Itaberaba, depois Santo Amaro, não nasci em Santo Amaro, mas só deixei a cidade aos 40 de idade, nos dizeres de Herculano Neto, já muito velho. Hoje penso em meu pai, os caminhos que talvez ele tivesse seguido, as cidades que talvez tivesse conhecido, os sabores que não conheceu, as emoções não vividas, as risadas que não deu, as coisas belas que deixou de conhecer.

Faço o exercício de colocar meu pai em passagens da minha vida, com se ele nunca tivesse ido embora. Como seria ele com sua neta? Com sua velhice? Com seus 66 anos? Como seria se me encontrasse hoje e descobrisse que andei por tantos caminhos que nunca ousaríamos sonhar quando andávamos juntos? Como regeria em ter nas mãos um livro meu? Ele que não sabia ler e por isso se dizia cego, como olharia para Elton e Erick já dois homens feitos?

Fecho os olhos e convido meu pai para uma serena festa de aniversário, estamos todos reunidos ainda na casa da Rua da Linha, o dia 06 de dezembro de 1990 foi um dia como outro qualquer, chegamos da

pracinha 14 de junho, dormimos em paz e acordamos bem cedinho.

O tempo passa e o pior pesadelo é esquecer como era a voz de quem amamos e se foi antes que pudéssemos registrá-la. A voz ingênua do meu pai ainda fala aos meus ouvidos, seus conselhos simples estão aqui comigo: “o mundo é um espelho aí na sua frente, você é quem sabe de sua vida”, dizia meu pai vez por outra sem mudar o tom da sua voz, de alguma maneira entendia, não queria ser refletido por um espelho que magoasse ele e minha mãe.

Meu pai morreu jovem, mas já era um espírito envelhecido, tinha orgulho de ser chamado de pai e senhor, era tranquilo. O lado emotivo da nossa família sempre foi minha mãe, eu pareço com minha mãe, física e espiritualmente é como se o cordão umbilical insistisse em não ser cortado, mas meu pai me deu algo de serenidade.

Hoje vivo em Brasília, uma cidade que vez por outra meu pai falava, porque alguns dos seus amigos de infância deixaram Mundo Novo e mudaram-se para cá, vou andar por aí, imaginá-lo ao meu lado, olhando para as coisas bonitas daqui, sentaremos em algum banco e conversaremos da mesma maneira que um dia na estação ferroviária de Santo Amaro sentamos e conversamos pela última vez.